

## Maffesolianas

Alex Galeno – UFRN

MAFFESOLI, Michel. *Os mistérios da conjunção: ensaios sobre comunicação e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005. 104p.

Provocação e rebeldia. Estes são os sentimentos que se renovam quando lemos o livro *Os mistérios da conjunção: ensaios sobre comunicação e socialidade* de Michel Maffesoli, lançado pela Editora Sulina. Maffesoli mantém sua escrita ensaística e à maneira de um intelectual exílico para fazer sua recusa e, ao mesmo tempo, afirmar um sentimento positivo e otimista com a sociedade atual. Sem medo de dizer verdades aos pares da academia e aos que ainda teimam em fazer da teoria uma portadora de iluminações absolutas sobre os destinos humanos. Isto se expressa, sobretudo, quando advoga que a vida pode ser reinventada como obra de arte, isto é, não sendo mais possível reduzir a arte às grandes obras. Faz-se necessário que o sujeito encontre formas criadoras para sua vida e inaugure uma “ética da estética” em seu estar-junto cotidiano. Uma experiência estética compartilhada que funcione como vetor de criação no social. Uma arte expandida ou “generalizada”, na qual se possa conceber a estética “como a faculdade de sentir em comum”. Ou como o “retorno a concepção que tinha Kant da *aisthêsis*: ênfase no processo que me faz admirar um objeto artístico e não no objeto em si”.

Eis um belo ensaio em defesa de uma razão sensível propiciadora de um tipo de ciência já pretendida pelo jovem Marx em os *Manuscritos econômicos e filosóficos*, quando diz que “a sensibilidade deve ser o embasamento de toda ciência”. Um dos capítulos mais provocativos no livro de Maffesoli, sem dúvida, é o que enfoca o fenômeno da prostituição como algo ritualístico e sagrado. Não há concessões ao mora-

lismo sexual nem muito menos reduz sua compreensão aos aspectos tratados, costumeiramente, pela sociologia e ou por alguns movimentos sociais. Vale lembrar que não se trata de uma defesa explícita da prostituição, embora seja claramente uma defesa do culto dionisíaco, pois assegura que “a circulação do sexo, assim como a circulação de bebidas fermentadas, enraíza o estar-junto no seu substrato natural”. Trata-se de uma espécie de “panteísmo social” no qual faz “dom do corpo” de homens e mulheres, o que torna a prostituição um ato sagrado e religioso. Uma certa prostituição como algo que atua em Eros e como uma comunhão litúrgica comunicacional ou uma troca de mensagens de corpos conjugados. Não devemos esquecer, que a palavra *communicatio* significa comunicação e *communicare* o ato de comunicar, estar em comunhão; enquanto *religare* (religião) indica religação. Aqui residem chaves interpretativas interessantes para pensarmos novas teorias da comunicação. O autor desenvolve estas opiniões, sobretudo, nos capítulos *A prostituição como forma de socialidade* e em *A mesa como lugar de comunicação*:

As maneiras à mesa, os ritos e as regras que estruturam o fenômeno culinário remetem à magia, à religião, ao cosmos. Neste sentido pode-se falar de laço comunicacional específico. Neste sentido também, comer tem sido designado como um investimento privilegiado do sexo. As orgias e as bacanais, estão aí para indicar isso [...] (p. 98).

Além disso, o livro retoma argumentos em defesa de uma *Sociologia do cotidiano*, apresentados em obras anteriores, fazendo-o com maestria, contudo

num tom reiterativo que, em alguns momentos, pode levar o leitor à sensação de fadiga. Certamente, isto deve-se ao fato de algumas proposições já terem sido tratadas em *A Conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana*, em *À sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*, e em *O tempo das tribos*.

Por último, vale ressaltar a crítica herética que reside no conjunto dos seis ensaios maffesolianos. A não leniência com uma denominada **sociologia pro-custiana**, que concebe a realidade como algo que sempre deve caber no quadro previamente estabelecido por premissas teóricas ordenadoras e puritanas. É claro que este puritanismo advém da consciência infeliz de intelectuais que pode fazer de si próprios “seres torturados”, “patéticos”. Seres que nem religam conhecimento e erotismo nem o inteligível e o sensível. Para Maffesoli, em que pese esta realidade, a heresia também atrai, pois não há como impedir que as temáticas rejeitadas e renegadas pela sociologia oficial sejam discutidas e se estabeleçam. “É o caso da sócio-antropologia do imaginário e também o da complexidade. Obras de fôlego que devemos a Gilbert Durand e Edgar Morin. Cada um do seu jeito abriu uma brecha que está longe de ser fechada” (p. 101).